

SUSANA MOREIRA MARQUES

Lenços
pretos,
chapéus
de palha
e brincos
de ouro


COMPANHIA DAS LETRAS





«O bem que se vai espalhando pelo mundo depende em parte de actos que não são históricos; e que eu e tu sejamos menos desafortunados do que poderíamos ser deve-se em grande medida àqueles que viveram fielmente uma vida invisível, e que jazem em túmulos nunca visitados.»

GEORGE ELIOT, *Middlemarch*

«Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura caem dos lábios dela; na vida real, praticamente não sabia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido.»

VIRGINIA WOOLF, *Um Quarto Só Seu*
(tradução de Isabel Castro Silva)

«Um nome para o que eu sou importa muito pouco. Importa o que eu gostaria de ser.»

CLARICE LISPECTOR, *A Descoberta do Mundo*





Nota ao leitor

Entre 1947 e 1949, a escritora e jornalista Maria Lamas percorreu o país, indo a várias localidades de norte a sul e visitando as ilhas, para retratar as mulheres portuguesas. Ao livro chamou *As Mulheres do Meu País*. Não havia até aí nenhum trabalho tão completo que tentasse mostrar as dificuldades que as mulheres passavam e as particularidades das suas vidas, e não houve nenhum depois.

Cerca de setenta anos após a sua publicação, a realizadora Marta Pessoa quis filmar este livro e fazer uma viagem semelhante. Convidou-me para a acompanhar. Arranjou-me uma edição do livro, sempre esgotado: um exemplar da reedição de 2002, reprodução exacta da primeira edição, em formato álbum, quase quinhentas páginas. Mostrou-me os fascículos originais, pacientemente reunidos depois de muitas visitas a alfarrabistas, em que Maria Lamas tinha publicado, entre 1948 e 1950, o seu projecto, com ilustrações de mulheres ao estilo da época nas capas.





Fomos juntas consultar o espólio de Maria Lamas na Biblioteca Nacional, onde se encontram os cadernos de reportagem e de pesquisa de *As Mulheres do Meu País*. Fez-me ver os originais e os negativos das fotografias que Maria Lamas, não sendo fotógrafa, se tinha visto levada a fazer para ter material para ilustrar o seu texto, já que nem sempre conseguia doutro modo imagens das regiões aonde ia ou de certo tipo de mulher, ou simplesmente imagens, sem grande encenação ou preocupação propagandística, que pudessem estar mais perto da realidade do dia-a-dia daquelas mulheres. Levou-me com ela a procurar alguns dos lugares mais relevantes no livro — uns quase iguais ao que eram, outros irreconhecíveis — e seguir as pistas de algumas mulheres retratadas, sabendo que seria improvável encontrar alguma que ainda estivesse viva.

Fiz de investigadora, de jornalista, de escritora, de narradora, de viajante, de visitante, de atriz, às vezes de figurante, em confronto com as mulheres que íamos encontrando pelo

.....





caminho. Escrevi texto para as imagens filmadas, seleccionadas, montadas em sequências, cenas, blocos, partes do filme, e depois narrei o meu próprio texto com a minha voz.

Durante esse processo, o filme, não deixando de ser sempre da Marta Pessoa, foi-se tornando cada vez mais pessoal, ao ponto de eu ter continuado a escrever e a torná-lo cada vez mais meu já depois de o documentário estar pronto e estrear, com o título *Um Nome Para o Que Sou*. Por pessoal, quero apenas dizer que as mulheres que Maria Lamas retratou em *As Mulheres do Meu País*, mulheres maioritariamente do povo, que não costumavam ser retratadas nem aparecer em lado nenhum, não eram, para mim, mulheres distantes de outra época: as suas vidas — e a memória colectiva que conservamos delas — diziam-me directamente respeito, a mim e à minha história. E não só diziam directamente respeito a mim, percebi ao longo do trabalho, diziam também respeito às minhas filhas. Não podendo corrigir o curso da história passada, poderia sempre corrigir a história futura.

.....





Algumas imagens para acompanhar a leitura

1. A minha companheira de viagem, muitas vezes com uma câmara de filmar, às vezes só a fazer fotografias, ou então só a olhar para as coisas de outro modo, como se visse algo que outras pessoas não vêem, talvez até o futuro, porque é preciso projectar o futuro para fazer imagens
2. As estradas com animais pelo caminho, como ainda há tantas pelo país, onde é preciso desacelerar, ser paciente, prestar atenção
3. A chuva a bater nos vidros do carro e a distorcer a passagem dos animais e a esborratar os contornos das árvores como se não houvesse fronteiras nítidas entre as paisagens, os animais, as pessoas
4. A paisagem com construções — aparentemente avulsas — a fazer pensar nas mãos que as construíram
5. As lareiras e a maneira como as pessoas olham para as chamas nos momentos de silêncio

.....





6. As faces rosadas das miúdas quando se lhes pede para dizerem o que pensam
7. Uma panela fumegante. Uma mesa posta. As cadeiras ainda vazias
8. Os olhos hesitantes de quem já não tem a certeza de a memória ser fiável
9. Os mesmos olhos muitos anos antes
10. O pormenor de uma rosa colorida num lenço preto
11. O chão de pedra sempre cheio de ervas teimosas onde tantas pessoas terão caído e algumas nunca se terão levantado
12. Um livro, cadernos, canetas em mesas de quartos de hotel antes de se continuar a usá-los para trabalhar
13. Um livro sobre uma mesa de exterior, paisagem atrás, de propósito para a fotografia
14. Uma mulher com paisagem atrás, de propósito para a fotografia
15. A roupa estendida nas traseiras de uma casa que já não sabemos se acabamos de ver ou se é uma memória de outros momentos mais antigos

.....





16. A minha própria imagem, quase sempre reflectida numa janela, ou semiobscurecida, como devem ser as imagens de quem conta mas não chega a ser protagonista

17. Algumas imagens a preto e branco — de avós ou de mães ou, então, de amas ou de criadas —, muitas sem data, sem nome, sem identificação de localidade, que se têm em casa, em álbuns de família, e para as quais raramente se olha



.....





Unes pontos no mapa. Observas o desenho. Perguntas se é isso o país.

Levas cadernos, canetas, câmaras, instrumentos digitais ou analógicos mas sempre com a mesma função de registar o que se vive.

Levas também um livro. Levas o livro como se fosse um guia de viagem, mas um guia que poderia servir para muitas outras viagens para o resto da vida, oferecendo várias possibilidades e não um só percurso. Leva-lo como se leva uma bíblia, para ter perto da cama quando se descansa, à mão em momentos de grandes dúvidas e receios. Leva-lo como um manual que torna mais fácil a compreensão da vida prática que tem sempre que ser desvendada. Ou como se fosse um volume esotérico, um instrumento mágico, que dará acesso ao que há muito está desaparecido.



Lenços pretos, chapéus de palha e brincos de ouro
é um livro múltiplo:

Um relato de viagem que tem como guia *As mulheres do meu país*, escrito no final dos anos 1940 por Maria Lamas, figura de proa do activismo político em Portugal.

Um ensaio sobre os textos que as mulheres não escreveram e as vidas que elas não viveram, e que poderiam ter mudado a visão da História.

A narrativa autobiográfica de uma escritora que tenta encontrar e desvendar a sua própria história nas histórias das mulheres anónimas que povoam o nosso imaginário.

Susana Moreira Marques viaja pelas aldeias ruidosas do passado e as aldeias-museu do presente; passa por hotéis modernos onde já chegou o progresso de ter um quarto só para si; encontra mulheres que ainda vivem no silêncio de antigamente; procura registar velhas memórias e fazer perguntas que sejam úteis hoje: começa a desenhar as mulheres do país do futuro.

não-ficção literária | 1



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897849602



9 789897 849602 >